



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS Ano XIV — N.º 352 — Preço 1\$00
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa 7 DE SETEMBRO DE 1957

A Johannisberg

A «desejada» chegou. Pre-calços, que a situação internacional explica (Ela vem de leste de Berlim), causaram esta demora de quatro meses para além do prazo da entrega. Foi uma gestação longa, tornada dolorosa pelo perigo quase constante da velha «Planeta» dizer «não» às 100.000 impressões que «O Gaiato» lhe importa em cada mês.

Penso que este número será o derradeiro saído da velha impressora. E espero que o jornal, até agora «Famoso» apenas na substância, que a qualidade gráfica deixa bem a desejar..., fique famosíssimo por mais aquela melhoria.

O Domingos anda há meses no Porto a treinar-se em impressoras automáticas. Agora está levando a última demão numa Johannisberg igual à nossa.

Temos máquina. Contamos com homem.

Os senhores fazem favor de esperar mais uma quinzena, ou duas, e vamos a ver o que sai.

VISITAS

Nós não temos nenhuma secção da chamada vida de sociedade. Visitantes ilustres, para nós, são os Pobres e quem se ocupa deles. Por isso mesmo eu quero dizer aqui a nossa alegria e apreço e gratidão aos bravos vicentinos de Braga, que nos vieram apresentar o novo Conselho Particular da cidade.

A sucessão não foi fácil, nem o é. Mas este Conselho tão jovem, tão de novo, porque muitos dos seus membros chegaram da incredulidade à Fé pelo caminho essencial ao amor de Deus, que é o amor do próximo, sabe experimentalmente o seu programa e tem alma para o realizar.

Daí a certeza que nos enche de que a obra vicentina em Braga continuará como até agora, plena de espírito, na fidelidade à Igreja, nossa Mãe.

Visado pela
Comissão de Censura

UMA CARTA

Vai toda. Toda inteirinha. Sem tirar nem pôr, a não ser o nome que a subscreve.

A gente lê e põe as mãos e reza... sem palavras. Como Deus é grande!

Eu também assim creio. «Que a maior obra de Pai Américo foi a mudança de mentalidade; uma purificação».

Que Deus guarde o levita e todos os que, do Centro, Sul ou Norte, são de algum modo fruto desta «sementeira bem regadinha».

«Vou roubar-lhe alguns momentos mas tenha paciência...»

Se nada houver de anormal, receberei depois de amanhã, o Subdiaconado. Não sei bem o que me levou a escrever-lhe. Não sei como definir... Foi um sentimento, uma certeza de que a alegria que vou ter a devo em grande medida à Obra da Rua. Não é que esteja convencido de que sem a Obra da Rua não poderia, de modo algum, vir a dar este passo decisivo.

Não é isso que interessa. O que está em causa não é dar o passo mas o modo como se dá. Ora aqui é que está.

A Obra da Rua influiu decisivamente na maneira, como o vou dar. Empregando palavras suas, também eu posso dizer que «tenho passado pelo Gaiato como quem observa». E também «muito tenho observado». Observei o Evangelho vivo, em prática, na sua apaixonante pureza. Tenho passado pelo Gaiato como quem observa. Era mesmo só essa a minha finalidade. E tenho lido o Gaiato como quem reza. E tanto na observação como na «oração» muitíssimo tenho aproveitado. Foi toda uma mentalidade nova que aprendi, ou melhor, que adquiri. Nasceu em mim uma paixão. Fui-me descobrindo a mim mesmo. Sem a Obra da Rua a minha alegria de agora seria muito mais diminuta. A alegria perfeita é dar-mo-nos perfeitamente. Dar-mo-nos. Não aprendi outra coisa quando observei e «rezei» o Gaiato. E muito mais teria aprendido, se não fosse tão mau aluno.

Era, pois, apenas isto que eu queria: mostrar o meu reconhecimento pelo muito que recebi. Sinto hoje uma alegria imensa, muito grande, por não ter nada e por nem tão pouco me pertencer. Eu nada tinha e nada era e talvez por isso mesmo, me custe tão pou-

co renunciar a... nada. Mas a renúncia é sempre alegre mesmo que seja renúncia a nada.

Renuncio não tanto ao que tenho e ao que sou mas ao desejo de ter e de ser. Uma renúncia de tal ordem que peço a Deus como maior graça para toda a minha vida, o viver sempre na Sua divina graça e no meio de grande pobreza.

Dou-lhe metade da minha alegria... e pode ficar satisfeito que já não é pagar muito mal.

A maior Obra do Pai Américo não se vê. Nem os rapazes, nem o Património, nem o Calvário. A maior obra, no meu entender, foi aquela a que ninguém se referiu quando falou dele toda a gente: a mudança de mentalidade. Uma purificação. Quantos e quantos como eu? É ir pelos seminários e ver... Pelos do centro, do sul e do norte. Por toda a parte uma sementeira bem regadinha.

Mando-lhe um abraço e beijo-lhe as mãos.

(Para terminar a carta apetece-me dizer: «Ora eis»...)

A JOC em Roma

Em torno da Cadeira de Pedro, para afirmação singularmente significativa de catolicidade, se reuniram trinta e cinco mil jovens de todo o mundo. Também lá tivemos dois dos nossos.

A JOC é um movimento de jovens, para jovens, pelos jovens, para tornar mais sã a comunidade trabalhadora e o mundo melhor. Eu gosto muito de saborear a integração da Obra da Rua nesta empresa mais universal. De lhe meditar as afinidades. De sentir quanto a pedagogia de Pai Américo se filia na pedagogia de sempre da Igreja, fundamentalmente apoiada no respeito da liberdade da pessoa humana; e de como ela corresponde aos anseios íntimos do homem que se não perde de todo da sua dignidade pré-divina.

Por isso não hesitámos em ter dois dos nossos a representar todos os irmãos gaiatos, junto dos irmãos jocistas do mundo inteiro. Eles fazem-nos participantes daquela afirmação bem singular de catolicidade e das graças que irresistivelmente se lhe dão de seguir.



Facetas de uma Vida

Não sei de onde é a transcrição. Não sei quem é o autor. Apenas sei que ao cima do recorte está escrito pelo punho de Pai Américo: «Outros vão escrevendo: «De como eu subi ao Altar».

Nessa altura eu insistia muitas vezes na oportunidade desse livro, aliás prometido pelo próprio Pai Américo pouco antes da viagem a África em 1952.

Um dia, por resposta, veio entregar-me este recorte. Há tempos encontrei-o. Aqui o dou como se fora subscrito por ele mesmo.

Paroquiei S. José de Coimbra pouco mais de um ano. Decorridos tempos, ao passar por lá, na camioneta de Penacova, li, de relance, à curva da Cheira, a seguinte tabuleta — «Salão Evangélico». E, já então pároco de Penacova, escrevi um modesto artigo, em que lamentava a inutilização de parte dos meus esforços na evangelização das almas, que foram ali objecto da minha sincera solicitude pastoral. E foquei a circunstância de que o protestantismo, entre nós, é derivativo e pretexto para a propaganda comunista e ateia. Mas o artigo suscitou nos arraiais adversos uma certa reacção. Ultimamente recebi duas notas acrescentadas ao «Gaiato», nestes termos: «jornal cristão e não católico» e o Padre Américo também com este mesmo qualificativo: «cristão não católico». Esta insistência levou-me a quebrar o silêncio.

Eu conheço melhor, certamente, o Padre Américo, do que o meu amável e dedicado correspondente. Era prefeito e professor do Seminário de Coimbra, quando um dia, já rapaz de quarenta anos, forte, corado, saudável, veio bater ao portão de bronze daquela casa, o Sr. Américo Monteiro de Aguiar, com trabalhos em Moçambique e Londres. E em todas estas andanças não havia perdido a Fé em que havia sido educado no seio duma família católica das cercanias do Porto.

Mas, alma grande, nobre, de aspirações de natureza diversa das que enchem um coração rastejante, gozador, materialista e carnal, veio ali aportar àquela enseada. Queria dar novos rumos à sua vida. Ordenar-se Sacerdote Católico para valorizar mais a alma própria e dar assim a sua mão a outras almas que porventura encontrasse na futura trajectória da sua vida.

Admitida aquela rica vocação tardia, o Américo estudou Filosofia e o Curso Teológico, pois lhe tomaram em conta os estudos que tinha.

Quando estudante, um dia, tive ocasião, de receber da sua própria boca, uma palavra que é a expressão do que se passava na sua alma continuamente em festa.

Estava-se ainda no rescaldo da Primeira Grande Guerra Mundial. Carência de dinheiro em face das pequenas mensalidades, carência de géneros alimentícios. O Seminário, como mais ou menos toda a gente sabe, estava longe de ser o Hotel

Continua na página TRÊS

CALVÁRIO

Todo o impulso que move o homem para Deus se caracteriza por elementos de louvor e adoração, de acção de graças, de prece e expiação. Mais ou menos, implicitamente, todos estão contidos em cada um!

Ainda o «pedinção»—de que zombam os homens sem fé—pede, porque sabe poder tudo. Aquele a quem pede. Mas há uma oração mais simpática e mais rica. É a do que agradece até a negatividade de Deus ao seu pedido. Ambos, pedindo, louvam e adoram. Mas este, agradecendo o «não», protesta a sua confiança ilimitada no saber e na bondade de Deus, não coincidente com o que o seu saber e bondade indicavam ser o melhor.

Há muito tempo que nós recebemos mensalmente uma oração deste valor: «Para contribuir para o Calvário, comecei por pedir uma graça que não obtive. Porque será que mesmo assim sinto a obrigação?»

E neste mês de Agosto ele já nem pergunta: «Não obtive a graça, mas sim o hábito de contribuir para o Calvário». Oh Fé! Oh heroísmo!

Mais Fé e mais heroísmo. É um pároco do centro do país:

«Junto envio uma quantia, 100\$00, para o Calvário. Chegaram-me numa carta de alguém que sabia que eu precisava. Agora vão noutra com o mesmo fim.

Sou Padre. Tenho medo que o dinheiro me escale as mãos. E por isso vão mais 50\$00 para o Barredo. Mandem-me, por favor, o livro do mesmo nome. Quero possuir esse «evangelho» vivo. Faz-me bem, e a gente deve tomar tudo o que faz bem. É um medicamento que quero ter na minha estante.

Aguardo-o com promessa de que o correio da minha parte vos visitará mais vezes.

Irmão em Jesus Cristo Pobre e doente».

E já que estamos tão saborosamente junto de «Irmãos em Jesus Cristo Pobre e Doente», aqui dou notícias de 750\$ vindos do Sanatório de Semide, «produto de dois peditórios que fiz em duas pequenas capelas: a do Sanatório, que rendeu 460\$; e a do Internato Municipal Condessa de Lumbrals que atingiu 290\$. Este subsídio foi feito por ocasião do aniversário do falecimento do Pai Américo, cuja alma também sufragamos com Missa, por iniciativa dos doentes».

De um aumento de ordenado 195\$: «Ofereço em acção de graças a Jesus pelos carinhos ultimamente dispensados a minha família».

Esta coluna é toda feita de beleza e superação da mais corrente banalidade humana. Querem ver? «Venho depor nas mãos de V. a importância de 100\$ que é o produto integral da única jóia que possuía». É «uma avó do Porto», também a agradecer o bem de um neto que estava desempregado e já não está. O mesmo para «essa obra tão cristã, que a bondade do Pai Américo sonhou e principiou», de um que lamenta ser «pouco para tão

grande obra, mas também não tenho nada, de meu, a não ser o meu salário quando trabalho». Pode haver receio do bom sucesso da empresa com capitalistas de sangue, como são os nossos?! Agora é de Braga, uma Mãe que vive do que lhe dão filha e genro e juntou às migalhas 1000\$. e deseja «primeiro que tudo, que Deus N. S. lhe dê muita saúde para poder governar essa grande nau, nas ondas altaneiras da vida». De Santarém uma libra em ouro, recebida de uma «Grande Amiga» e agora oferecida por sua alma. A amizade verdadeira é assim: resiste à morte e prolonga-se na Vida.

Surge, «pela 1.ª vez, uma humilde serva recolhida na Ordem do Carmo». São 50\$ e a certeza de que as próximas notícias trarão mais delas desta nossa amiga. E os que vêm de há muito, com uma regularidade toda feita de devoção, passam agora neste desfile não só figurativo, mas real, do amor do próximo. São 100+100 «da que muito quer à Obra» e suplica a conversão dos seus. Cinco vezes mais dos da «Casa de N.ª S.ª das Graças». Outra vez 100+200 da «portuense humilde» e duas vezes quinhentos da Celeste, de Lourenço Marques, que aí aparece amide por muitos e variados títulos. Um pouco mais ao norte fica a Ilha de Moçambique e nela mora a Júlia, que manda a «4.ª prestação para o Calvário», e que «Deus abençoe a Obra e quantos trabalham nela».

O «Amando os homens por amor a Deus...» com 100+100+100 referente aos meses de Junho, Julho e Agosto. Oitenta, de Junho a Setembro da assinante 31028. E a n.º 7341, mais três mil escudos com os quais fica em 8.300\$ para uma casa no Calvário! A assinante 6665 com os seus 20\$ mensais. Cinquenta, da Berta, do Porto, e o pedido de orações pela sua cura, «que tenho apenas 36 anos já assim estou há 7». Prós da «Casa Ouvi-me Senhor» a importância habitual e três vezes uma avó com 20, 20 e 200 e o desejo de que «nenhuma alma falte à reunião no Céu». Ó Caridade! Ó beleza da Beleza incriada!

Deixemos os dinheiros e vamos às coisas. Roupas dos pais da Maria Celeste. Mais uma peça de pano branco, toalhas, lençóis e pano cru. Mais roupa do Brasil por intermédio da D. Genny. Brincos e um alfinete de ouro e, de Lisboa, duas alianças «que pertenceram aos avós de meu marido». Para a capela da Casa do Gaiato de Beire veio a Via-Sacra, semelhante à de Paço de Sousa e dada pela mesma Amiga, ainda a pedido do Pai Américo. Vieram também, uma roquete, galhetas, um véu de ombros, e roupas de altar do Colégio de S.ta Terezinha.

Cinquenta para a S.ra Adorinda duma Adozinda. Os nomes são quase iguais. É só um z e um r. Quinhentos da Quinta de S.to António. O dobro «de uma mãe e de uma filha». Outra mãe também de Lisboa mas esta «pouco feliz». Cinquenta de Vila Real e metade de V. R. de S.to António. O amor do próximo não conhece

latitudes. De Braga 100\$, comemorando o dia 16 de Julho. Sufragando as almas, cumprindo promessas, dando graças por diversos benefícios, muita gente bateu à porta do Espelho da Moda, do Lar do Porto, e do Montepio Geral em Lisboa. Restos de assinaturas e do pagamento dos livros. Quinhentos, pedindo o «milagre da multiplicação dos Calvários». Cinco vezes menos e a consolação de «verificar que a graça de Deus vos acompanha, pois tão bela Obra continua na sua senda de bem fazer e o seu desenvolvimento não esmorece». Mais Chamusca e Escarigo e Viana do Castelo e Lagares da Beira e Coimbra e um estudante com 50\$, a Maria Amélia com 1500\$, e «um casal de portuenses residentes no Sul» e Lisboa e «um de vida atribulada», 1000\$ «recordando o aniversário do falecimento do Padre Américo», e Alvalade e «um anónimo lisboeta» e M. Q. com a obrigação de uma missa todos os dias 13 durante um ano. (Oxalá eu nunca me esqueça!) e Espinho e Ourém e Chaves e Ilha da Madeira e Corgos (com um poema e tudo!) e Perafita e de um general e Casais do Campo e visitantes de muitos e muitos lugares.

«Se mais mundos houvera...»

O nosso Retiro

No meio do silêncio que envolve o Mosteiro dos Beneditinos de Singeverga fizemos o nosso habitual retiro.

Primeiro foram os médios e a seguir foram os grandes, para procurar fazer o balanço às contas de dentro e procurar novo alento para esta batalha contínua da vida.

O sítio não podia ser mais bem escolhido. Todos gostam e admiram este sítio privilegiado e todos vêm a ganhar, pois só tiram saldos positivos. Os negativos só para os «operários» que não trabalham. Não se tratam de leis humanas, falhadas, mas de outras leis e outros negócios.

Quem nos fez o retiro foi o Senhor Padre Oliveiros de Jesus nosso grande amigo e de quem todos gostam e estimam. Muito obrigado por tudo. Pelo bem que nos comunicou. Palavras de vida que nos fez comungar.

Para ser franco devo dizer que desta vez muitos de nós pecamos pela falta de silêncio. Fizemos um pouquinho mais de barulho e na mesa não estivemos também como o costume. Que nos desculpem todos os irmãos frades e pelos trabalhos que conosco tiveram.

Quando nos quiserem visitar

estamos sempre prontos. Temos muita alegria em os receber nesta casa. O Frei Simeão já veio até cá. Porque não vêm os outros? Todos são amigos.

Estes três dias fizeram muito bem a todos. Pela vida fora, iremos colhendo os frutos destas horas de recolhimento: conversa com Deus.

Os retiros que todos os anos vimos fazendo e sempre nesta altura, fazem muito bem, pois ao longo do ano já acusamos um déficit muito razoável. Deitamos água na fervura e fazemos o voto de sermos melhores. Mais batalhadores, mais duros conosco mesmos.

Para findar, esteve aqui no Mosteiro de Singeverga o novo sacerdote Senhor Padre Alberto que muito estimamos e temos pena que não possa desde já viver entre nós. Deus dirá a última palavra. Estejamos atentos e escutemos a Sua Voz. Celebrou o Santo Sacrifício a que todos assistimos de corpo e alma ao tomar parte no Banquete Eucarístico. É Jesus, Vítima de todas as horas, que está presente e desce à morada de nós, pobres pecadores.

Daniel Borges da Silva

SETÚBAL

Quem dera se encerrassem as nossas casas por não serem precisas! Quem dera! São triste acusação dos tempos presentes: acusação do crime que faz brotar os sem pai, os sem lar, os da rua. Sômente quando a fonte do mal estancar, elas não serão mais. Mas, quando o dia suspirado, se hora após hora nos seringam com pedidos de admisão? Cada qual supõe o seu, o caso mais pungente e aflitivo. E, por assim pensar, julga impossível obter negativa. Maior aflicção é a nossa, porque forçados a recusar. Negar, preferindo a vontade responder abertamente com afirmativa, é sofrer. E nós sofremos com a angústia dos mais. É mesmo a cruz maior do Padre da Rua. Mas onde comportar o formigueiro diário dos que aqui atacam confiantes? Chovem rogos de toda a parte, de norte a sul, de nascente a poente. Padre Nunes é agente em Setúbal. Gemidos à porta dele, são pranto certo à nossa. Os vicentinos secundam. O mundo do abandono ocorre. E nós levantamos o braço a sustentar a avalanche. Nem distância, nem cansaço, nem incerteza são obstáculo ao caminho. «É o único recurso. Não há onde bater».

Ora estamos dentro em breve a ultrapassar os setenta. Vamos, pois, se nos permitem, olhar primeiramente para estes, não suceda a quantidade prejudicar o aproveitamento. Guardamos para depois o momento feliz de abrigar mais rapazes das ruas de Portugal.

Entretanto a romagem em prol dos deserdados prossegue. Não findou, nem pára jamais. É a

certeza garantida pela Fé de que vivemos. Sobre a desventura debruça-se sempre o amor. Vai aqui silenciosa e modesta a romagem dos últimos tempos:

De quinta vizinha roupas, queijo e abafado. Um regalo! Por «graça de Pai Américo» cem escudos.

Os vicentinos de Setúbal, na reunião última entregaram-nos 1.648\$00. Compartilharam todo o nosso viver durante aquele dia. Bem hajam pela caridade que testemunharam. Uns senhores que os acompanhavam depuseram cem. A Casa das Louças esteve representada e admirou-se com as nossas deficiências. Por isso resolven atenuá-las com algo do que lhe é natural.

Mais duas notas de cem, uma para a casa, outra para a Conferência. De Lisboa cinquenta «para os queridos Gaiatos vicentinos levarem aos nossos irmãos Pobres». Este nossos dito de tão longe é a proclamação evidente da catolicidade da Igreja e expressa sentidamente a união que a estrutura.

Em mãos dos rapazes cem cruzeiros. Para a Conferência vinte escudos de «Andorinha». «Nasci e fui baptizada nessa cidade. Quem mais aqui nasceu?»

Na Legião roupas. De Vila Nova de Ourém igual encomenda. No Setubalense guardaram-nos 110\$, da Associação de Beneficência Familiar, e 50\$ dum anónimo. Por carta outro tanto do assinante 13.582. Para ajuda dos gaiatos uma migalha de cem. Vieram bolas da Polícia, da Escola Comercial, de particulares. Mas todas são poucas. De tanto saltarem estoiram num ai. Por

isso peço mais, e agradeço tudo depois. Na capela de S. António 100\$. Outra vez «Andorinha» com 20\$ para os Pobres. E para eles 50\$ de Lisboa. Antes de partir para África alguém confiou-nos 20\$. Outra «graça de Pai Américo» — 100\$. Mal souberam da nossa precisão de calçado uns senhores de Setúbal apresentaram-se logo. A Caridade é solícita. O Perninhas tem ido à lota e carregado peixe. Bem haja quem é nosso amigo. A senhora de Santa Maria veio com mealheiro pesado. Abri e entornei 387\$50. É uma devoção arreigada. Deus lha conserve. O compasso de visitantes entrega parcelas de 150\$, 10\$, 50\$, 37\$ e 27\$50. De vez em quando passo pela rouparia e deparo com embrulhos de tecidos, de visitantes discretos. Mais calçado em Setúbal. Ao vê-lo, o Bucha mostrou logo os pés cortados por via da cal, e ficou servido. Cem bilbetes para Troia. Um sacerdote com 40\$ e outro com igual quantia. Visitantes com 200\$. Para sufrágio 100\$. «Por alma de minha mãe 100\$». Em mãos de rapazes notas de cinquenta e vinte. Para os nossos Pobres mais 80\$ e 20\$. De Portimão livros para a biblioteca. Do Pinhal Novo cabazes de fruta e uma nota de cinquenta. O Dafundo da capital esteve com 100\$. Médicos amigos com medicamentos e sua experiência.

Desta feita nem P. Carlos nem P. Horácio levaram conservas por não as termos. Que esperem, como o fazemos nós.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

Esteve em nossa companhia um confrade de Lourenço Marques. Que viria cá fazer? A resposta é fácil. Por que, sendo um vicentino de tão nobre coração, não veio ao Continente para outra coisa senão tratar de assuntos dos pobres e conhecer mais pobreza, ou seja, mais miséria. Depois de uma visita à Curreleira, quis também conhecer o lugar dos mártires, por onde Pai Américo cedeu parte da sua vida.

Fui na sua companhia visitar o Barredo. O que vimos e sofremos! Diz ele: — Nem os pretos selvagens vivem assim. Não sei como vivem, mas faço uma ideia. Por mais pobres que sejam, sempre têm sol, ar puro, em resumo, gozam a natureza. Enquanto estes numa terra civilizada, vivem e morrem sem conhecerem as maravilhas de

Deus. Só conhecem a crueldade dos homens. Ninguém lhes pode pedir contas do mal que fazem, sem que primeiro vejam a sua culpa.

Este digno confrade do Ultramar, além dos conselhos e exemplos que nos deu, ainda nos deixou 300\$00 para distribuímos pelos desamparados do Barredo.

Mais notícias: Recebemos novos benfeitores para a campanha *Tenha o Seu Pobre*. Desta vez, a chama não se apagou nas águas do oceano. Aqui respondemos a uma pessoa do Congo Belga: é melhor socorrer uma família pelo nosso intermédio, porque esmola sem visita, é o mesmo que um grande pintor sem pinceis. Em seguida o Sr. Damasceno, de Lourenço Marques, que nos diz algumas palavras, as quais nos alegram o coração: «Quando chega o Famoso é lido logo de ponta a ponta

e quantas vezes as lágrimas me vêm aos olhos. Para mim é o jornal melhor do mundo e que leio com mais agrado, pois nele só se vê a bondade e generosidade de Deus». Por fim o assinante 30305 de António Enes—Moçambique, pede-nos um Pobre de alma comprensiva, de preferência com filhos ou netos. Ser-lhe-ão dadas notícias do uma Pobre do Porto, com dois netos. Um destes benfeitores diz-nos estas palavras: «Era bom que todos os que pudessem, tivessem o seu Pobre».

Temos a alegria de informar, aos caros leitores, os donativos que nos deram para os nossos Pobres. Para a Campanha «Tenha o seu Pobre», recebemos do Sr. Cruz 150\$00, Sr. Francisco Vasconcelos 100\$00, um anónimo da Cidade dos Doutores 100\$00 e como a cidade dos trabalhadores não quer ficar atrás destacamos dois anónimos, um com 20\$00 e outro com 40\$00. Seguem-se diversas ofertas: uma doente 40\$00, um anónimo 35\$00, assinante 33580 20\$00, mais um anónimo com 20\$00, do Banco de Portugal 20\$00 e para terminar uma Senhora ofereceu um embrulho com roupa e que jeito fez aos nossos Pobres. Quem tem mais roupa que não use? Estamos no Verão, mas os Pobres pensam já no Inverno. Caros leitores, continuamos à espera de novas entradas, para podermos dar novas saídas.

Fernando Dias

MIRANDA DO CORVO

Esteve nesta freguesia de Miranda do Corvo, a semana passada, a veneranda Imagem da Virgem Peregrina que anda percorrendo a diocese de Coimbra. Foi uma semana de entusiasmo, de penitência, de oração, de regeneração, de graças e de Bênçãos do Céu. Foi uma semana inesquecível para todos aqueles que a viveram indo ao encontro da Senhora.

A vinda da Mãe de Deus até junto de nós foi como o rebentar numa nascente de graças. No Sábado, quase todos os nossos receberam o Santo Crisma. No Domingo, depois de feita a despedida à Senhora de Fátima, recebemos em nossa Casa o Sr. Arcebispo de Coimbra que veio benzer umas alminhas à memória do Pai Américo, e benzer também as nossas officinas. No fim de tudo isto, disse-nos algumas palavras e quis deixá-nos nesse dia um presente. Deu-nos mais um Padre para a Obra da Rua; o Senhor P. Acílio que se ordenou no passado dia 15.

Com certeza que foi Nossa Senhora, que em maior contacto conosco e nós com Ela, ouviu as nossas preces e nos alcançou esta graça tão grande do Pai Celestial.

Carlos Manuel Trindade

LAR DE COIMBRA

Nós os estudantes já estamos todos em férias.

Foi um ano quase em cheio, não há dúvida.

O Chico, passou para o 5.º ano com boas notas; o Lita e eu passamos para o 4.º também com boas notas; o Salvaterra fez o exame de admissão; e o Faíscia fez o 5.º ano, mas teve pouca sorte em Ciências. Ele também teve culpa, porque estudou pouco. O exemplo dele faz-nos ter juízo a nós.

O Alfredo (Formiga) passou para o 4.º ano da Escola Comercial. Estimados leitores, é justo que todos lhe demos «um bravo» pois tem sido um herói. Apesar de ter de dar contas no seu emprego, frequenta o Curso Comercial Nocturno, curso que tantos sacrifícios, força de vontade e actos heróicos exige, lá vai indo de vento em popa, caminho à meta final.

— Bravo Alfredo! Continua, que Deus te ajudará.

Esperamos para este novo ano de 1957-58 com novos estudantes.

Oxalá que o futuro ano lectivo seja ainda melhor que este.

E agora para terminar, acabo como devia ter começado. Quero deixar expresso o justo agradecimento ao Colégio «Pedro Nunes», muito especialmente à Senhora Directora, de extre-

ma dedicação por nós, bem como a todos os Professores, pois todos se dedicam, interessam e nos amam.

E agora outra notícia; quando os leitores virem esta crónica, estou em Roma a tomar parte na concentração mundial da JOC.

Depois dou-vos notícias. Até à volta se Deus quiser.

Carlos Manuel Trindade

TOJAL

No dia 17 do mês passado tivemos junto de nós os nossos irmãos mais necessitados da Curreleira para assistir à Missa pela alma do nosso querido Pai Américo. Vieram de manhã na camioneta, sendo eles 200 e passaram o dia na quinta. Chegou-se ao meio-dia e comeram o que traziam. Pela volta das três horas tivemos um encontro com eles do qual saímos vencedores por quatro bolas sem resposta. Eles ofereceram em seguida uma Taça ao capitão da nossa equipa e um deles disse umas palavras para festejarmos este dia. Entretanto uma conversa muito natural em que dizia: «Ai quem me dera ter aqui os meus filhos para receberem a educação e a instrução, para poderem ser alguém na sociedade e para nos livrarmos da pobreza. Porque é tão doloroso ter quatro filhos e não ganhar pão para todos, devido ao ordenado ser pouco. É bem verdade que hoje em dia não se ganha para comer».

Pensemos um pouco de olhos fechados, por assim podermos examinar melhor na nossa consciência os sacrificios, os trabalhos que eles passam nos seus lares por causa do sustento para os filhos e pelas doenças que eles têm, e depois morrem por não terem o que necessitam. É de facto uma vida de sacrifícios, de amargura e de tristeza. Dizia o Pai Américo que o estômago andando vazio não se podia ensinar o Evangelho. Amigos que vivem à larga, lembrem-se que Deus não dorme. Por isso, mãos à obra, para o levantamento de tantos pobres necessitados. Não queramos viver unicamente regalados e consolados. Os Pobres precisam dos nossos auxílios. Lembrem-se que a Caridade é a mais nobre virtude do homem. Se Deus não tivesse caridade para com todos nós, onde estávamos a estas horas? Já o mundo tinha acabado e estaríamos todos perdidos para sempre. Deus é Pai e por isso não pode ter vingança para com seus filhos.

Carlos

SETUBAL

Começo esta crónica por lembrar aos nossos amigos leitores a nossa Conferência. Não quero dizer com isto, que ela ande completamente esquecida porque alguns leitores se têm lembrado dela. Mas não são tantos como nós desejávamos e precisávamos. Temos presentemente seis pobres e muitos mais constantemente a pedirem-nos para os ajudar. Quem os poderá ajudar? Só vós com a vossa generosidade e bondade. Portanto não vos esqueçais dos Pobres desta Conferência que Deus não se esquecerá de vós.

No dia 20 fomos daqui alguns rapazes fazer o nosso Retiro. Teve este lugar na Senhora da Piedade de Tábuas.

Faz bem deixar por alguns dias os nossos afazeres para a sós com Deus nos recolhermos e resolver os nossos problemas espirituais. Às vezes preocupamo-nos tanto com os problemas do corpo quando afinal, temos outros muito mais importantes a resolver. São esses os problemas da nossa alma. E estes só podem ser resolvidos por meio do isolamento periódico dos cuidados do mundo. Foi um retiro em cheio. Não digo que tenhamos de lá saído melhores. Mas com muito mais vontade de o ser, acho que sim.

— Este ano os exames correram pelo melhor. Fizem cinco da terceira e quatro da quarta, ficando todos aprovados. Estão de parabéns eles e a Senhora Professora que não se poupou a sacrificios e trabalhos.

Crisanto

PAÇO DE SOUSA

— Muita gente. A Aldeia está cheia. É a grande Família do Salgueiros que visita a Casa do Gaiato!

Na mata, bermas das avenidas, nos campos, debaixo das fruteiras, sempre animadas, são as famílias que se distribuem para comerem seus merendeiros que trouxeram de casa.

Tivemos grande alegria em abraçar o Sr. Doutor José Maria Ferreira Coelho, digmo presidente do Salgueiros, Sr. Doutor Ramiro de Aguiar, director e grande impulsionador do jornal do clube e o Sr. Carvalho, a alma do programa «Aqui, Salgueiros», que organizou o passeio de confraternização do Campeão Nacional da II Divisão que é muito e muito amigo dos gaiatos e da «Obra da Rua». Não sabem quanto todos apreciámos em podermos ter dentro de nossos muros esta boa gente. Muito lhe devemos e muito nos querem e amam!

Estamos muito animados por ter subido de divisão, passando a fazer parte da elite do nosso futebol, já que em conjunto desportivo o era há muito tempo, pois o Sport Comércio e Salgueiros é dos clubes mais ecléticos do Desporto Nacional e muito nos orgulhamos com isso.

Faz falta em todas as competições desportivas a camisola rubra e gloriosa do Salgueiros!

Viva o Salgueiros! Avante pelo grande clube do norte que leva mundos de gente atrás de si, quando visita qualquer terra para comungar, estreitar os laços de amizade através do desporto, que deve ser uma escola de virtudes e cultura do género humano.

Foi pena que não pudesse vir a equipa de honra para nos defrontar.

Mas teremos a alegria de ver no nosso campo o Porcel, Tai, Longo, Benje, Germano e tantos mais de reputada categoria, foi a promessa do Presidente do Salgueiros. Logo que aparecer a primeira oportunidade aqui os teremos.

Por estes momentos de alegria, por tudo,

OBRIGADO, SALGUEIROS!

— Perante grande alegria de todos os gaiatos, o Senhor Padre Alberto, já é Sacerdote de Cristo. Celebrou a sua primeira missa em Vilar do Pinheiro, sua terra natal. Foi lá uma representação de Paço de Sousa e outra do Lar do Porto. Todos viveram com emoção estes dias grandes, pois muito o desejávamos para nós. Mas o tempo, grande mestre, dirá alguma coisa. Deixemos que ele fale!

A segunda missa foi na nossa capelinha em Paço de Sousa a que não pudemos assistir por estarmos em retiro, mas não deixámos de lá ir, não deixando de unir a sua à nossa prece para que o Senhor que nos escuta e nos faça melhores.

Muito obrigado Senhor Padre Alberto pelas horas boas que nos fez passar e que o Senhor o ajude a levar a cruz, que desde esta altura passa a ser muito mais pesada e o caminho mais duro. Os grandes espinhos vão-se cravar fundo em seus membros para que o Bem frutifique.

Não se esqueça de nós e lembre-se que em qualquer parte onde esteja é um «padre gaiato». Nós também não o podemos esquecer.

Muitas felicidades na paz de Cristo!

— Xô passarada, Rua do Almada. Milho miúdo. Meia canada!...

Ó ladrões, Ó pimpões, Comeis o milho E os feijões!... Xô! Xô!

É esta a cantiga do Lourinho, do Careca e seus colegas que andam a enxotar os pardais.

É trum, trum, trum... trum, trum, trum e toca a bater nas latas e os inimigos do nabal e do milho toca do dar às pernas que é um regalo! Dá um resultado maravilhosos!...

— Ai minha harriga! Ai a minha harriga!

— Continua na 4ª página —

Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira página —

Astória... Naquele dia o Américo de Aguiar tinha almoçado depois dos companheiros. Ora sucedeu casualmente entrar eu na vasta sala do Refeitório, no momento em que ele comia. O pão, fabricado na casa, com farinha de milho e fava, era acentuadamente escuro, de côdea a esboroar-se. Sentei-me ao pé daquela homem de quarenta anos, de agradável companhia, por quem sentia ao mesmo tempo respeito e simpatia e veneração, sentindo estar na presença de um homem de Deus. E meti-me com ele:

— Então, Sr. Américo, qual é melhor: é esse pão escuro ou aqueles bifés tenrinhos, sangrentos, com mostarda, das pensões de Londres?!

— Oh! sim, Sr. Prefeito, mas tenho agora aqui mais alegria e paz do que então!...

Aquela paz, aquela alegria era a satisfação que lhe dava Deus para quem ele andava a preparar-se, para ser um dia o Padre Américo, o realizador duma obra colossal, impressionante, que chega do Minho ao Algarve, que chega da América à África, à Índia, que abrange as Crianças, os Pobres, os Velhos, os Doentes, os Jovens, as Famílias.

x x x

Nunca pude esquecer esta delicadeza do Padre Américo. Bastante doente na 2.ª prefeitura, Padre Américo visitou-me no meu leito de dores. Ao apalpar a fronha em que reclinava a cabeça, encontrou-a um tanto dura, das capas desfiadas. Foi ao quarto dele e trouxe-me a sua cabeceira de summa e serviu-se da minha enquanto durou a minha enfermidade. Que delicadeza! Que vista apurada nas regiões da Caridade!

x x x

Passaram-se doze anos. Estava eu no hospital da Universidade de Coimbra com uma perna fracturada. Também lá tive a visita do bom do Padre Américo. Era ele já então plenamente o Padre Américo da Sopa dos Pobres, da Rua, das Crianças, das Colónias de Férias, o recoveiro de todas as misérias. E, por isso, não obstante estar estendido num leito dum hospital, julgava-me no dever de também ajudar as suas obras com as migalhinhas e disse-lhe:

— Tome lá, Padre Américo, o ceitil da viúva... Resposta pronta dele: — «Não quero, não aceito. O Sr. agora também é pobre». E foi-se embora, furtivamente, para subtrair os bolsos a qualquer esmola traiçoeira...

Já lá vão 14 anos. E aquela bolinha de neve caindo do alto da montanha não tem feito senão crescer!

Quando hoje cerro os meus olhos para meditar o que Deus, com a sua graça, faz aos homens para os converter e transformar em instrumentos da sua Divina Providência, cresce-me a fé e a confiança de que Deus é Pai. E chego a monologar comigo próprio:

Oh! ruas de Coimbra, bairros das latas, becos, mansardas, pocilgas infectas, nojentas, ergástolos dos pobres, catres de doentes, fostes vós essa nova Universidade onde o Padre Américo apurou a ciência do Pobre, ciência em que ele foi tão longe e subiu tão alto! E há quem pense e há quem diga que és cristão mas não és católico, Padre Américo, tu que frequentaste o nosso Seminário para ao altar dizeres: «Creio na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica!» Mas que ideia fará essa gente do que seja ser-se católico?

Manuel do Freixo



ALIJÓ — Duas famílias com seu lar.

CHALES DE ORDINS

Só Deus sabe quanto me custa pedir, sobretudo esmolas materiais, para os Pobres. E todavia torna-se necessário fazê-lo, não só para os poder socorrer, como para educar o próximo na doutrina da fraternidade e da caridade, tão alheia a tantas almas, que se dizem cristãs, mas não viram ainda a Face de Jesus no Pobre, devido às grossas escamas do seu egoísmo.

Talvez por tanto me custar pedir, exija tanto do Pobre a virtude do trabalho. Sustentar mandriões é um crime. Ora isto acontece, quando socorremos os mendigos profissionais, em vez de, em nossas casas, lhes darmos algum trabalhito, compatível com as suas forças. Fiz a experiência. Deram-me um raizinho ou cepo de pinheiro. Não quis chamar jornalista, para o rachar. Esperei pelos mendigos que na sua terra não têm que fazer, pelo que andam a pedir. Certo dia, a coberto da folhagem espessa das trepadeiras do meu jardim, vi dois seguírem caminho. Quando um fez menção de se aproximar, logo o companheiro o avisou: «baí, baí, que ele tem lá um raizinho. Ele não é amigo dos Pobres». Ora, se quis o trabalho feito, tive de chamar o meu jornalista, que eles passaram recado uns aos outros, mas também a praga dos falsos mendigos desapareceu da minha porta.

Utilizar, porém, a esmola para vencer o preguiçoso a trabalhar é coisa meritória, que nem todos ainda compreenderam. Se um hábito é uma segunda natureza, o preguiçoso precisará dum empurrão ou solicitação, para enveredar por novos caminhos, para ele, no início, dolorosos e incompreensíveis. Ora, se é certo que ele se determina a agir, somos nós, com os nossos conselhos, promessas e esmolas, que o ajudamos a determinar-se, a contrair hábitos de trabalho. Isto pode demorar bastante tempo, quando por ventura se consegue, pois é uma segunda natureza.

O dia das teceadeiras receberam é feito de alegria. Até as que não se jeitam ao trabalho se deixam embalar no doce engano de terem também algo a haver. Há dias, a uma que passava necessidade e se lastimava, respondi simplesmente: «Não tenho esmolas para quem pode e não quer trabalhar. Trabalhe». Muito tenho batilhado com ela, para conseguir vencer seus hábitos de preguiça a-por-dum-complexo de inferioridade. Agora vejo-me forçado a usar de nova terapêutica. É o pão. Desde que, por semana, faça determinado número de chales, uma vicentina tem ordens para lhe dar meio alqueire de milho. Graças a Deus, a vicentina tem tido a alegria de lhe medir pão e a teceadeira o gosto de o comer, de tanto se vender. O pior de tudo isto é se estas linhas são lidas entre as teceadeiras. Multiplicar-se-ão as preguiçosas, por causa do doce remédio, o pão!... E adeus, meus chales de Ordins!...

x x x

Do Porto, um médio, com 110 na mão. Uma licenciada de Aveiro volta por um dos pequenos. Júlio já tem «um chaile de Ordins para se agasalhar essa mãe tuberculosa». Como tudo nesta frase está tão bem.

Meda e Oledo seguem junto do Ribeira Brava (Madeira), que a Ordins bate tanta vez. Ovar e Rio Tinto e Póvoa de Varzim são irmãos no pedir. Um avô em Angola lembra-se do netinho em Lisboa. Uma avó de Alco-baça torna este ano. «Já sou muito velha e tenho muitos netos, por isso não ajudo mais, como gostaria de o fazer». Se não for antes, torne para o ano, minha senhora.

Júlio Mendes

Lisboa diz: «este mês desejava um em Beige». Ora «este mês» significa que todos os meses teremos uma encomenda. A Beira (Moçambique) torna por um branquinho, que deseja em Janeiro, o mais tardar. Isto chama-se ser providente. Se os senhores assim fizessem, viveria o mais descansado. Pois Beira torna a aparecer com um dos pequenos para uma «garota muito pobre» de Valpaços. Pretende que ela o possua «no princípio do inverno que ali é muito rigoroso». Aprendamos esta lição de caridade que a África nos dá.

Um «admirador» de Peso da Régua envia dois chales ao pároco de Muxagata para as duas pessoas mais pobres da freguesia, Bragança e Vila Real tornam. Amaranço segue também, fechando com Cubal (Angola) que pretende um chales—manta de viagem.

x x x

A Ordins tudo chega, 100 «para comprar pão para as crianças que os pais lhes batem quando eles comem pão a mais». Lisboa, metade. Breve, conto dar notícias da casa a edificar para a teceadeira de «Dinheiro a render». De Carviçais, 100 e metade do Porto.

Padre Aires

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

PELOS NOSSOS POBRES: Há uma semana teve as primeiras hemoptises! Sim, aquela viuva de quem falámos em os números anteriores. Por isso encontro-a de cama, faces mirradas, amareladas. A roda do catre os pequenitos brincam, saltam, agarram-se às minhas calças e balbuciam. Encostada à ombreira da porta interior a mais velha não tira os olhos da Mãe, nem diz palavra!

— Então, quem a trata?
— É esta... e aponta para a mais crescida.

— E ela pode?!

— Quando não, é uma vizinha.

Ora esta vizinha é, também, viuva com um rol de filhos, mas isso não obsta. É precisa, apresenta-se! Isto é costume entre os Pobres; isto é uma lição de solidariedade cristã.

A porta que dá pra rua está fechada, e as portas interiores das janelas um nadinha abertas. Não há ventilação. O ar pesa, de viciado. Com um esforçozinho abro a porta. Vive-se noutro mundo!

— Não vê como, assim, é melhor. Olhe... que ar tão bom. Daqui vêm os pinheiros, os eucaliptos, o movimento na estrada, — tudo.

— Eu não aturo as janelas! Eu não aturo a luz! O que me mata é a cabeça... Do peito já passou...

Venho cá pra fora e deixo-a só com os pequenos. A casa fica no cimo dum monte. Corre um vento fresco, um vento puro. Ouve-se o chilrear dos passarinhos. Vêm-se saltitar de árvore para árvore. Apesar da estrada o silêncio é admirável. E daí, a Natureza sobressai e canta as maravilhas do Criador.

Que terá Deus reservado a esta Heroína?... Ocupado com este pensamento volto para junto dela. Pergunto se perdeu muito sangue. «Eu fiquei sem nenhum!», disse. E acrescenta: «O pior é que nem sempre há de comer! Tenho tanta vergonha de pedir mais!» E desata num vale de lágrimas. Não tive coragem e sai de coração a san-grar.

Colónia de férias de Azurara

Com a chegada do primeiro turno, no dia 22 de Julho, constituído por vinte e dois simpáticos gaiatos — não fizesse dele parte o sempre risonho e contente Tira-Olhos, o trigueiro Macaquito, o monçanense Marmelo, o Chico com a sua cara de feições africanas e sua blusa de tipo oriental, o engraçado Zézinho da Murtosa e outros como o Carlitos e o Américo, para não falar em todos — principiou a funcionar a nossa colónia de férias.

O local escolhido foi Azurara, com a sua excelente praia, e digo isto baixinho só para nós queridos leitores, não vá alguém querer perturbar o sossego e pacatez que disfrutamos por estas paragens.

Era logo de manhã, mal terminado o pequeno almoço, que este grupo, sempre alegre e brincalhão, como todas as crianças da sua idade palmilhava ligeiro e cantarolando, a boa distância de uma vintena de minutos que nos ligava à praia. Aqui é que era gosto vê-los. Com os seus berrantes calções e troncos nus expostos à brisa e aos raios benéficos do sol, que os bronzeava, lá corriam e brincavam numa azáfama constante a que unicamente a hora do meio-dia vinha pôr termo. Não faltavam também os animadíssimos encontros de futebol cujo adversário era constituído pelos rapazes da Colónia do «Garoto da Rua», nossos excelentes vizinhos, e diga-se de passagem que «o diabo dos gaiatos» venciam, sempre, como seriamente admirado, comentava a meu lado um garoto.

A hora do banho era para a petizada de grande alegria, sobretudo para o pequeno Zézinho da Murtosa, pois logo que era dado sinal, numa corrida desenfreada enfiava pela água dentro, quase como a desafiar a imensidão do oceano, para ter a primazia de mergulhar na espuma branca das ondas que rolavam uma após outra pela praia acima. Os outros lá se entretinham ora chapejando os mais temerosos ora querendo mostrar as suas qualidades de exímios nadadores, que o diga o «Tira Olhos». A hora do almoço aproximava-se e com ela o apetite daquelas vinte e tal bocas aumentava. Quando se chegava a casa, o Russo, não é lá para o gabar, mas é um excelente cozinheiro, já tinha, quase sempre a «paparoca» pronta.

A rapaziada sentava-se imediatamente à mesa ansiosa por saciar o apetite que estes ares do mar são exímios em abrir. Mas como na vida nem tudo são rosas, às vezes lá era preciso aplicar algum correctivo, e então temos o Russo armado em juiz aplicando justas e por vezes severas sentenças que os culpados cumpriam um pouco constrangidos, como é natural. Constitua isto as notas variantes da vida ritmada e melodiosa deste pequeno mundo juvenil.

A tarde com as forças reparadas por um prolongado descanso e o estômago saciado com uma succulenta merenda, lá seguíamos os nossos pequenos heróis, de camaradagem com os miúdos da Colónia do Sr. Padre Garrido, a tomar de assalto toda a praia. Ao entardecer voltavam radiantes e satisfeitos, qual grupo de andorinhas para os seus ninhos. No fim da ceia, como o homem não é só matéria, todos em roda, com o Russo a presidir, vêm as orações da noite, e alguns não resistindo ao sono e ao cansaço deixam-se adormecer, qual pequenos anjos dormindo embalados ao som de melodias divinas, acordando de vez em quando com medo que o companheiro do lado, que está alerta o sacuda com alguns beliscões.

E é este caros leitores o quadro que durante estes dias de férias à beira-mar, dias de repouso para os seus corpos e paz para as suas almas, se repete com algumas variações cores para quebrar a monotonia arrelhiadora da vida que desponha calma e serena para estes pequenos anjos marcados já pelo abandono e sofrimento.

Um da malta

PAÇO DE SOUSA

Ai, ai, ai!...

— Era o Carvalho que se queixava. Foi à senhora para ver se o livrava. Esta deu-lhe um comprimido.

— Isto para a barriga?

— Não pega!

Apanhou a senhora de costas, fez que o tomava e deitou-o fora.

Daniel Borges da Silva

(Espaço para endereço)

AVENÇA — QUINZENARIO

Cantinho dos Rapazes

Responsabilidade; participação na nossa responsabilidade—quantas vezes este tema vos tem sido dito, meus rapazes. E, Deus louvado!, que, se há quem fraqueje, há muitos mais que sentem o brio de cumprir e correspondem às exigências que o nome de família, antes não havido e agora sim, lhes impõe. «A nobreza obriga»... E os gaiatos, se não têm outra filiação de que se honrem têm a muita predileção de Deus, seu Pai, a obrigá-los.

Este trecho de carta é de um de vós. Um, que, por graça de Deus, desde longa data nos vem sendo fonte de consolação. Um igual aos outros na origem. Um que põe o que quase todos poderiam se quisessem com uma vontade forte e viril. Um, como muitos, graças a Deus, que não enterrou os «talentos», certo de que o Senhor lhos não tinha entregue para uma guarda tão insignificante. Ele é militar e é jovem. Não teme a luta e os seus perigos. Arrisca-se. Sabe qual e onde o grande Escudo da defesa. Toma-O em suas mãos e avança até onde deve avançar. É militar e é jovem. O contrário seria estagnação e asfixia de uma idade que não volta. Que pena haver cobardes à face da Terra!

Eis a carta:

«... Para a festa ficou resolvido fazer uns cartazes de propaganda. Mais uma vez o nosso Capelão me confiou a tarefa de dar andamento a esses cartazes, nos quais ando a trabalhar há dois dias.

É preciso e eu tenho pelo menos procurado corresponder à confiança que o nosso Capelão, alguns oficiais e muitos colegas meus depositam no «menino gaiato». Todas estas coisas eu faço com o pensamento na nossa Obra e no Pai Américo. Não devo nem posso deixar mal o nome da nossa tão querida Obra, já que aqui sou conhecido e tido como um rapaz que esteve e continua a estar (agora só em espírito) na Casa do Gaiato.

Tenho conquistado muita amizade entre os meus colegas. Respeito-os e eles respeitam-me. Muitos deles querem ou preferem a minha companhia à de outros. Quando juntos comigo procuram evitar falar mal e muitas vezes conseguem-no. «Não mostres isso ao gaiato que ele não gosta». Eles respeitam-me e eu respeito-os».

Superiores, colegas, subordinados... — quem se não rende ao homem que confessa ser preciso e se esforça por corresponder à confiança que nele têm? Quem?

Quantas vezes tendes ouvido que não é a cedência às nossas convicções e aos nossos deveres de vida que conquistam amizade e confiança... Mas agora é um de vós que o diz. O seu testemunho vale como nenhum outro: «Muitos deles preferem a minha companhia»... «Respeito-os e eles respeitam-me».

Eis a colheita boa da boa semente.

«Respeito-os», primeiro; «e eles respeitam-me». Eles respeitam-no porque ele os respeita. E ele respeita-os na medida em que os vê e os trata como irmãos em Cristo, portadores duma vida que há-de ser trocada pela Vida, e que portanto não podem desperdiçar em ilusões que o mundo mascara. E ele, compreendendo que assim é bem, quer para os outros o mesmo Bem que quer para si. Respeitar é uma forma de amar. «Respeito-os...» isto é, ama-os. «E eles respeitam-me», isto é, «eu tenho conquistado muita amizade entre os meus colegas».

Ó meus rapazes, ó rapazes todos que andais por longe do Caminho, que é Verdade e Vida, ouvi este irmão que vo-lo aponta. Hoje por aqui; amanhã na tropa; depois, algures na vida em que Deus vos tiver — marcai posição. Não temais a luta. «Quem não é por Mim é contra Mim» — diz o Senhor. Temei apenas as meias tintas.

E sereis respeitados. E em vós, «a nossa tão querida Obra» será respeitada também e amada ainda mais, porque a vossa vida será a glorificação do seu nome, centelha desprendida do Santíssimo Nome de Jesus.

**COLABORE NA
CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL**